



A LUTA CONTINUA

SEXTO CADERNO
DE CULTURA POPULAR

Nosso povo , nossa terra

VEREDA
Centro de Estudos em Educação

LENDAS POPULARES E TESTEMUNHOS HISTÓRICOS

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE
SAO TOME E PRINCIPE.

Edição do:

Ministerio da Educação nacional e Desporto.

Departamento da Educação de Adultos e Alfabetização.

1982

Indice.

Primeiras palavras

Lendas populares

A velha e a galinha

O galo, a galinha e o falcão

A manha de Sum Tartaruga

História do Munquém e Lóla

Gramatica

A grande escolha

Tartaruga manhosa

A tartaruga-macho e o txitxi.

A tartaruga-macho e o rei.

A tartaruga-macho glutona.

Txintxim tangula, txintxim tangula, San Bilaza Sousa tangula, txim
guini, ou o macaco e a menina.

O macaco e o caracol.

Gramática.

A tartaruga o cão e o gigante.

Porque os cães hoje não falam.

Aguedê Alê.....

História do rei e do gigante.

O conto das garças e dos falcões.

Agua Mato.

Gramática

Testemunhos históricos

Quando cheguei a São Tomé

O tratamento no hospital

O sargento e o Quintas

O grito na baliza.

Gramática.

Camaradas,

Este é um caderno de cultura popular escrito por e para vocês, por e para o povo de São Tomé e Príncipe. Os textos que o compõem fazem parte da tradição oral da cultura do nosso povo, criada por ele ao decorrer da sua história e constitui uma expressão da sua identidade.

O caderno está dividido em duas partes. A primeira está composta das lendas populares conservadas na memória do nosso povo e contadas por nossos "contadores". Elas vêm do nosso antepassados e fazem parte da nossa história passada, presente e futura. Algumas delas, combinam o sentido estético com a expressão política da luta do nosso povo contra o colonialismo e pela sua libertação. Assim, não é estranho - como todos nós sabemos - que tenhamos criado símbolos nas nossas lendas que representam personagens da realidade histórica concreta que refletem nossa luta cotidiana contra a opressão. Todos nos conhecemos o que significa o falcão e as garças no nosso real-imaginário. O povo, através da sua arte também lutou e luta contra o colonialismo.

A segunda parte do caderno, contém testemunhos históricos que alguns companheiros nos contaram. São também expressões culturais do nosso povo e fazem parte da nossa história. Já não da história mencionada indirectamente nas lendas, mas da história realmente vivida através da luta do nosso povo contra a exploração e a injustiça.

Este caderno pretende, na etapa da reconstrução nacional da nossa luta, dar uma nova utilização destas expressões populares. Se trata de usar as lendas e os testemunhos históricos não só para aprender melhor o nosso passado, mas também para consolidar o domínio da língua falada e escrita, instrumento necessário para que nossa ação revolucionária sobre a realidade seja mais eficaz.

LENDAS POPULARES

A VELHA E A GALINHA.

Num luchan havia uma velha com a sua unica filha, que, afectada de uma grave doença, não tardou em falecer. A velha sofreu tão grande abalo que jamais saíu de casa, possuída de doença estranha, que nenhum dos piadô-zaua (1) chamados para valer-lhe, soube descobrir. Tristeza infinda, pesadelos horríveis interrompidos por enervantes insónias e fraqueza geral progressiva constituem alguns dos sintomas do estado patológico da pobre anciã, mas não suficientes para definir concretamente um diagnostico e aconselhar a medicação apropriada.

Verificada repetidamente a ineficácia dos mindjân (2) prescritos pelos piadô-zaua, nova terapêutica se ensaiou, agora recomendada por uma mulher muito conhecedora das virtudes curativas das plantas do mato.

A mæssè (3) empregou em dias de semanas privilegiadas folhas de mangúngu e recitou as rezas rituais exigidas pela gravidade da doença, applicou vários remédios confeccionados com partes de numerosas árvores e plantas regionais muito famosas, tais como: leite de amoreira, frutos de nglon e raizes de pau-sengue - como purgantes; banhos aromáticos de folhas de artemísia, de salá-salá, de folhas de cuaco-blanco, ou ainda de trepadeira buta ou cozimentos de cana sacarina - como tónicos peitorais; infusões de tuberculos de cloçon son, casca de árvore de cola, casca ou folha de nespla tomadas como tónicos gerais; decocções de raiz de sala-conta, de mambleblê e da rosa bilanza - como diuréticos; e de tantos outros exemplares da riquissima flora medicinal de São Tomé.

Passavam os dias e as melhoras não chegavam, a anciã continuava retida no leito, cada vez mais batida e sem esperança de cura.

Todos no referido luchan, pessoas e animais, conheciam o precário estado de saúde da velha e, desolados, previam a morte próxima da paciente, ideia que dominava tanto a enferma como quem lhe assistia.

Entretanto, uma galinha, generosa e condoída, foi visitar a doente, sendo recebida de muito má vontade - sempre de costas voltadas para a ave e de rosto virado para a parede do quarto. A galinha fingindo não reparar na atitude menos simpática da velha, após os cumprimentos do estilo, começou a falar de vários assuntos mais ou menos relacionados com a moléstia, notando que a paciente não tardou em prestar atenção as suas palavras; poucos

minutos depois a velha passou mesmo a responder, primeiro aborrecidamente e a seguir interessada, às perguntas da galinha, que, muito hábilmente, conduzia o interrogatório sobre os achaques daquela, cedo descobrindo que a enfermidade era somente de origem psíquica : " A minha maior pena é ter tido uma unica filha e esta ter morrido ! ", exclamou, finalmente, a doente, em ar de desabafo confiante, perante quem soube impressioná-la com falas adequadas de psicóloga abalizada. É que provas de interesse bem patente, como sa de conforto moral, animam e consolam toda a gente.

Conhecedora da origen da molestia da anciã, a galinha retomou a palavra e contou a sua vida, tendo a preocupação de acentuar alguns passos, de modo a fazer vibrar mais intensamente a sensibilidade da doente. Falou mais ou menos assim: " Sou mãe de quinze filhos e, actualmente, não possuo nenhum ! E, no entanto, não estou descontente com a minha sorte".

A velha, surpreendida e impresionadissima con esta confissão, inquiriu: " Como te sucedeu tamanho infortúnio ? Sera possivel haver alguém tão desgragado ? ". A galinha, serenamente, prosseguiu: " O falcão roubou-em quatro pintos e, por ocasião da doença do vizinho, a minha dona vendeu-lhe quatro frangos; dos restantes filhos, o gato comeu três, sendo os últimos quatro ofertados pela minha proprietaria a um afilhado, quando este foi cumprimentá-la. E assim fiquei sem filhos ! ".

A medida que estas dolorosas informações iam sendo reveladas pela galinha, a velha perdia o ar acabrunhado - seu estado habitual desde a perda da filha - e, deixando de olhar para a parede, passou a enfrentar a interlocutora, que com tal naturalidade, e sem denunciar a menor manifestação de desconsolo, acabava de relatar-lhe a sua tráfica vida familiar. "Eu vi morrer uma filha e estou inconsolável, e a galinha sofreu a perda de quinze filhos e não se considera infeliz ! "

Profunda reacção psicológica se aperou na doente, que, resignando-se com a sua sorte, acabou por restabelecer-se dentro de poucos dias.

(1) Piadô-zaua = Curandeiro, curioso.

(2) Mindjân = Medicamento, remédio.

(4) Méssé = Neste contexto significa Curandeiro(a), curioso(a).
Também significa Mestre, professor, chefe, etc.

O galo, a galinha e o falcão.

Uma vez um galo foi atacado nos dois olhos por grave doença. Correu todos os curandeiros das redondezas mas as suas mezinhas não surtiram qualquer efeito; estava condenado não se curar ou até, porventura, a ficar cego.

Absolutamente descrente das medicações terrenas, virou-se para o céu, implorando à luz do Sol que lhe desse a cura desejada ou, pelo menos, algumas melhoras; porém os ardentes raios solares, em vez de aliviarem seus males, mais ampliaram as suas dores.

Desorientado, choraba constantemente sua triste sorte; interrogado certo dia pelo compadre falcão, desabafou com ele, contando-lhe a sua profunda magoa, que andava há muito tempo sofrendo dos olhos e quase impedido de ver, sem encontrar remédio capaz para tão renitente doença!...

A ave de rapina, depois de ouvi-lo atenta e aparentemente condoída, declarou: " Eu curo o compadre se , em troca, me der um pinto de cada ninhada que a comadre tiver."

O galo aceitou logo o contrato, mesmo sem consultar a galinha. Momentos depois, estava completamente livre da moléstia, graças à misteriosa terapêutica aplicada pelo falcão; radiante, voltou para junto da mulher, referindo-lhe como obtivera a cura, embora deixasse de aludir às condições a que se submetera.

Decorrido algum tempo, a galinha teve uma ninhada de pintos e imediatamente o galo, em obediência ao contrato, retirou um pintainho e, menosprezando os lamentos da esposa, levou-o ao falcão. E assim por diante, da cada ninhada da esposa o galo separava um pinto para o falcão se refastelar.

A galinha protestava, mas ele fingia não a ouvir, até que um dia, indignadíssima e sem poder conter-se, perguntou ao marido a razão da sua desumanidade, da sua falta de consciência - o que aliás, disse, a não surpreendia muito, dada a circunstância de ele jamais se incomodar com os filhos, pesada mas honrosa tarefa que lhe cabia inteiramente.

O galo justificou o seu procedimento; apesar disso, a galinha jurou não consentir que, para o futuro, qualquer de seus filhos fosse devorado pelo falcão. E dispôs-se a enfrentar o marido e a agredir a ave de rapina, caso esta viesse exigir o cumprimento do infame compromisso. E, se bem o prometeu, melhor o fez.

Quando o falcão surgiu e se dispunha a raptar um pintainho, a galinha atacou-o tão furiosamente com o bico e as unhas que o falcão, para não ser morto, desistiu do seu propósito. Foi instalar-se num ramo de uma árvore próxima e de lá invectivou a galinha, afirmando que estava apenas a receber o preço do acordo concertado com o marido dela e certamente do seu conhecimento.

A galinha mostrou-se admirada com a informação, fingiu-se ignorante de tudo, reafirmando-lhe todavia a sua intenção de contrariá-la, visto não haver sido previamente consultada e nada ter, por conseguinte, com as cláusulas do contrato.

O falcão retorquiu: " Terei de receber um filho teu de cada ninhada, pois curei-te o marido e o acordo ficará em vigor para todo o sempre."

A galinha-mãe não se convenceu nem atemorizou, e por isso - conclui o bom senso nativo - não deixara de opor-se aos ataques do falcão; mas este, por sua vez, continuará a roubar pintos, porque a dívida jamais pode considerar-se liquidada.

A manha de Sum Tartaruga.

A mulher de Sum Tartaruga tinha um porco gordo. Criava-o com todo o mimo para que um dia pudesse vendê-lo a bom preço. Sum Tartaruga pensou na maneira de comer o porco à mulher. Fingindo-se doente, pediu a mulher que fosse a um quimbandeiro saber o motivo da doença.

Sum Tartaruga preparou os seus planos.

Indicou à mulher a direcção do quimbanda. Determinou-lhe o caminho onde deveria passar, que deveria passar por mais longe, tanto na ida como regresso.

(Vejam ao minha gente !)

O tal curandeiro seria o mesmo Sum Tartaruga ! Que truque !

Logo que a mulher saiu em direcção a casa do desfargado curandeiro, Sum Tartaruga saltou da cama.

Muito apressado seguiu o caminho mais perto.

Chegou primeiro que a mulher

Ela transmitiu ao desgraçado quimbandeiro sua preocupação .

A receita para a cura da maldita doença foi a seguinte;

- " Chi sam mêmê bê melhor de Sum Tartaruga, sélá sam fé quá cun ga manda sam. Sam cá copla lôço, fézom, mina vim; sam cá coplá uâ ploco 'nglandja achi...! Sam cá maté. Tudú quá sé sam cá preparé penálá guádámu..." estas foram as palavras do receitário.

A mulher comoveu-se. (Imaginem só !)

O que queria era ver o marido livre da morte que vinha a ser mais nada menos o grande banqueite à custo do suor da mulher.

Regressou à casa. Já Sum Tartaruga tinha chegado em casa e metido novamente na cama, gemendo, gemendo e tremendo ainda mais forte.

A mulher contou-lhe tudo o que tinha sido ele mesmo a dizer.

(Oh, como a inocência é irmão da ignorância !)

Imediatamente a mulher prontificou-se em preparar tudo. Comprou tudo e matou o seu porco.

Quando tentava chamar o tal curandeiro, Sum Tartaruga levantou-se de cama e disse : - " Ninâ mansé, bô ná cá samáfa. 'Nsa mu iógóduza !

A mulher arrependeu-se porque tinha dado conta do mau génio do marido.

História do Munquén e Lóla .

Munquén e Lóla combinaram fazer um banquete.

Será necessário carne e penso que a foram mais facil de a conseguirmos é de matarmos a nossa mãe, disse o Munquén a Lóla.

Lóla como era compadre e muito amigo do companheiro, embora tivesse achado estranha a opinião, aceitou o pedido.

Lóla muito conmovido, pensou na maneira de não cumprir a atitude tão cruel para salvar à mãe.

Ao chegar em casa, contou-lhe o que tinha sido a combinação dele com o compadre. Este deu volta ao miolo e encontrou uma solução de salvação.

- Olha, mãe diriga-se ao local combinado. Começa a comer e se a armadilha te prender, não hesita, calma, tenha calma só calma, disse Lóla a mãe.

Chegou o dia para os dois compadres celebrarem o banquete combinado.

Então, o Munquén pediu a mãe que fosse ao pé do "bôbô-bôbo" arranjar comida.

E a Lóla já tinha preparado à mãe, recomendou que seria ela o primeiro a poisar no bôbô-bôbo e elle desceria ao chão. Desceria ela mais tarde quando avisasse. Nisto dirigiu-se à mãe do Munquén que no chão já comia inocentemente para lhe avisar a sua mãe já tinha chegado, só que estava em cima.

Tudo estava preparado e o Munquén desconhecia a intenção do compadre. O Lóla pediu ao Munquén que escondessem para que sua mãe não os visse, senão ela desceria ao chão. Munquén concordou perfeitamente.

Assim foi o facto. Depois de se esconderem, a mãe do Lóla desceu, juntou-se à outra mãe e continuaram a comer. Pouca comida restava no chão livre, enquanto que dentro do "flé" havia os melhores bagos de bôbô-bôbo.

As duas mães eram tão ingenuas que acabaram por entrar na dita armadilha e ali ficaram presas.

Era mesmo isso que esperávamos, -disse Munquén à Lóla. Qual das mães vamos comer primeiro? -Preguntou-lhe o Munquén.

Tua - respondeu Lóla. Minha não - negou o outro.

Indeciso puseram-se a discutir até que ficou decidido que seria a mãe do Munquén a que seria primeiro a ser comida.

Cada qual seria responsável de ir buscar sua mãe -pediu o Munquén. Não concordou, vou eu buscar a tua mãe-respondeu o Lóla. E assim foi. Mataram -la e comeram a carne sem minima piedade.

Quando chegou a vez do Lóla, surge tremenda discussão até que um para aqui e outro para lá, asas para ali asas para acolá, tudo isso da lugar para que a mãe viva pudesse encontrar uma abertura e voar o mais alto que pôde. O Lóla acompanha a mãe no voo. E lá no alto diz para o compadre.

-Tua mãe foi comida mas a minha não.

E o Munquén, cheio de remorsos voa para cima do flé, põe-se a lamentar chorando : mémun, pémun, mémum, pémun...

O Lóla troçando responde : mémun, cu mémun, vé qué té quété...

Lóla = rola

Munquén= muncanha (ave parecida a rola e o seu alimento preferido é o izaquente).

Gramatica.

Ja temos estudado os complementos directo e indirecto do verbo nel quinto caderno.

Agora estudaremos o complemento circunstancial do verbo. Este é a palavra ou expressão que designa uma circunstância, acessoria da acção do verbo ou do nome:

Ex. Ia à caça todos os dias.

O complemento circunstancial designa varias circunstâncias; assim:

- a) tempo .Ex. A galinha protestava até que um dia.
- b) lugar onde. Ex. Nasceu em São Tomé.
 lugar aonde. Ex. Ele foi a casa.
 lugar donde, origem. Ex. Vem de Principe.
 lugar por donde. Ex. O avião passa por Luanda
 lugar para onde. Ex. Partiu para Angola
- c) modo. Ex. Ele fez vibrar intensamente
- d) preço. Ex. O remédio custou dez dobras.
- e) companhia. Ex. Vive com a esposa
- f) matéria. Casa de madeira
- g) causa. Ex. Morto de cansancio
- h) fim. Ex. Trabalha para viver
- i) meio, instrumento. Feriu-lhe com a faca

As preposições que mais frequentemente se empregam para designar esses complementos, são, a, com, contra, de, em, para, por.

Exercicio- Reconheça, num texto qualquer os complementos circunstanciais.

A grande escolha

Losinda crescia. Losinda crescia, lavava a "anágua" no Vadje Grandje, dançava socopé no fundão, lançava sonóras gargalhadas para toda a gente.

A mãe, avo, pai, amofinavam-se. Losinda flimou já mas não aceita ninguém. Faz troça de todos os rapazes da vizinhança.

- Losinda! Losinda! Sum Mé Stlacá é rapaz bonito e sabe fazer sapatos.

- Para que é que eu quero sapatos? Sapatos dá calos nos pés.

- Losinda! Losinda! Mé Novo trouxe peixe para a gente. É bom pescador.

- Pescador morre no mar. Não quero criar filho sem pai.

- Losinda! Losinda! Olha mesa bonita que Mé Gingo fez para ti.

- Eu gosto mais de comer no quintal em cima da pedra. Carpinteiro não dá futuro.

- Losinda! Losinda! Olha que tu morres sem filho para te enterrar.

- Solteira é que eu não morro. Mamã nao quebra cabeça por minha causa...

" Losinda está a brincar
Losinda está a flogar
O tempo vai passar
Losinda acorda do sono
Que gravana está a chegar "

As moças do lugar cantavam à porta de Losinda mas ela, rindo, agarrava na bandeja e ia à feira vender limões e cantarolava:

" Compra limão
Compra limão freguesa
Losinda quer dinheiro
Para fazer enxoval "

- Losinda não te maces. Eu ajudo ao enxoval -dizia um janota da cidade atirando un madrigal.

Losinda ria, arrumava a bandeja e ía a venda mais próxima comprar o ultimo lenço da moda.

Um dia, quando todos menos esperavam, Losinda casou-se.

As moças do luchen ficaram admiradas e satisfeitas.

- Até que enfim! Até que enfim!

Marido de Losinda nunca parava em casa. Ia a caça todos os dias.

- Simão, tu nunca para em casa....

Ia à caça todos os dias. A roupa da caça vinha sempre rasgada mas ... nem sêssia, nem curucucu, nem rola, Simão trazia da caça. Apenas roupa rasgada.

Um dia os criados resolveram ir espreitar o patrão. O que viram nesse dia deixou-os espantados.

Na larga varanda da casa, Losinda deu um almoço para mostrar às amigas que afinal não morreria solteira.

Os criados arranjaram uma corda comprida, prenderam-na dum ponta à outra da varanda e colocaram em fila muita banana madura em grandes e apetitosos cachos.

Em cima da mesa havia izaquente, calulu, dôce de milho, djogó, enfim, muita coisa boa.

Toda a gente comia satisfeita e ria.

Só Simão estava mal disposto nesse dia. Andava dum lado para o outro, com as mãos atrás das costas, coçando a cabeça...

Os criados escondidos atrás da varanda riam e aguardavam.

De repente, de um salto, rugindo, Simão pendurou-se no corrimão da varanda e começou a engolir sofregamente as bananas, e, um comprido rabo de macaco sai pelo fundilhos das calças.

Toda a gente, atordoada, começou a cantar

" Tanto escolheu
que casou
com o macaco..."

Tartaruga manhosa

Tartaruga pensou casar com a filha do Rei.

Vida de Tartaruga não presta. Sempre a enganar todo o mundo, sempre a tentar ludibriar e sempre toda a gente contra Tartaruga.

Tartaruga entra de mansinho no palácio do Rei.

- Sum Alê, Sum Alê

- Vai-te embora Tartaruga. Estou farto de ti.

- O senhor não se farta de mim. Nenhum homen, nenhum animal se farta. Quanto mais como mais quer comer todos os dias.

- Desaparece mofino.

Tartaruga senta-se num banquinho e encosta-se à sombra de uma árvore.

- Vais ficar aí até morrer, Tartaruga ?

- Estou à espera da minha oportunidade.

- Então ficas até seres velho.

- Sum Alê, Sum Alê, olha que galinha nunca se farta de comer.

- Que diabo Tartaruga ! Na minha capoeira todas as galinhas comen bem. Aqui não ha fome.

Tartaruga calou-se e depois voltou a carga.

- Quer uma aposta ? Se eu perder o senhor Rei pode-me mandar matar...

- E se ganhares?

- Venho viver no palácio.

- Estas maluco ?

- Se ganhar a princesa sua filha será minha mulher.

O Rei riu-se em grandes gargalhadas e mandou reunir toda a corte. Ia divertir-se à custa da Tartaruga.

Mandou soltar todas as galinhas das suas cem capoeiras. Os servos trouxeram grandes cestos de milho e bebedouros.

Toda a gente sentada em redor aguardava.

A criação comeu, comeu até mais não poder, começando a dormir mesmo com dia claro, estendida no solo, sem querer subir ao poleiro.

Tartaruga levanta-se e tira dum cesto grande, duas toras de lenha, muito velhas e carcomidas, cheias de mil bichinhos, desde ócólí até zalí e, começa a sacudir ruidosamente as toras de lenha no chão.

As galinhas despertaram e avançaram para o banquete.

Tartaruga, ufana, repete contente:

- Minha miseria acabou. Galinha farta, comida variada nunca rejeita... e eu agora sou sogro do Rei.

A tartaruga-macho e o txintxi.

A tartaruga-macho e o txintxi foram convidados para um banquete, oferecido pelo soberano no seu palácio.

Após lauto e demorado repasto, os dois amigos despediram-se do real anfitrião e puseram-se a caminho, de regresso à aldeia.

A tartaruga-macho, fingindo-se cansada, pediu insistentemente ao txintxi que a levasse às costas para casa, solicitação a que o pequeno peixe acedeu de muito má-vontade.

Porém, no caminho havia um canal que era preciso transpor e só poderiam fazê-lo por meio de salto.

Txintxi pulou com a tartaruga-macho no dorso; esta, perdendo o equilíbrio caiu, foi de encontro a um monte de pedras e, ferindo-se gravemente, morreu pouco tempo depois.

A tartaruga-macho e o Rei .

Uma tartaruga-macho foi convidada para uma grande festa que o Rei deu no seu palacio, onde foi recebida com as maiores atenções.

Durante o banquete, tartaruga-macho serviu-se de um bolo delicioso, de que comeu glotonamente, confessando ao soberano que jamais soboreara outro igual.

O Rei desvaneceu-se com as elogiosas palavras da tartaruga-macho - individualidade tão marcante na vida social do seu Estado que se permitia importuná-lo por vezes com as questões mais impertinentes e atrevidas.

Por isso, inquiriu logo do soberano se alguma vez havia comido caroço, a semente do coconote.

Tão afrondosa pergunta, feita por outro súbdito, equivaleria à sentença de morte; partindo da tartaruga, o monarca apenas se mostrou indignado, asseverando com energia que nunca comeu nem comeria tão insignificante produto.

Tartaruga-macho calou-se perante a reacção, que aliás esperava, não desistindo, porém, da ideia de levar o Rei a ingerir amêndoa de dendém.

Certo dia, colheu andim maduro e retirou-lhe a polpa, lavando muito bem os caroços que depois de limpos partiu, retirando as amêndoas com todo o cuidado para se manterem inteiras.

Arranjou um pedaço de cana sacarina, triturou-a, espremeu-a, e com o suco obtido envolveu as sementes à semelhança do que se faz às amêndoas da Europa, com açúcar em calda.

E, de noite, sorratamente, entrou no quintal do Rei, subiu a uma nespereira que ali havia, colocando as sementes de coconote revestidas de açúcar na extremidade dos ramos da árvore.

Na manhã seguinte, a criada do soberano deu conta de uma amêndoa no chão junto da nespereira, que a tartaruga-macho deixara para engodo. A serva apanhou o fruto, que tomou por nêspera, ficando maravilhada por ver outros idênticos suspesos da árvore.

Foi a correr e alvoroçada dar a noticia à rainha, a quem entregou a amêndoa que, sem tardança, foi em parte ingerida com muita satisfação.

Indo ter com o Rei, mostrou-lhe o resto do extraordinario fruto, do qual ele também provou e gostou bastante.

Entretanto, tartaruga-macho subira à nespereira para fazer cair outras sementes, lá se conservando escondida entre as folhas, até que os reais esposos apanhassem os frutos e recolhessem ao palácio.

Tartaruga-macho, encantada com o êxito do seu plano, desceu da árvore, foi a casa vestir-se convenientemente e, minutos depois, apresentou-se na residência do soberano, a solicitar uma audiência urgente.

Recebida imediatamente, após troca de impressões sobre os varios assuntos que levara ali tartaruga-macho, o monarca referiu-se entusiasticamente às primicias da árvore frutifera. Tartaruga-macho, fingiu-se surpreendida, não escondendo a sua incredulidade. O Rei garantiu-lhe a veracidade do facto, um verdadeiro milagre. E para prova o soberano apresentou-lhe um dos frutos encontrados sob a nespereira.

Tartaruga-macho, irónica e com riso escarninho, replicou não se tratar de nêspersas, mas simplesmente de amêndoas de caroços envolvidas em melaço de cana sacarina, por ela colocadas na árvore... E, raspando a camada do melaço, pôs-lhe diante dos olhos as sementes de coconote !

O Rei, vexado e colérico, desmentiu tartaruga-macho que, não obstante, manteve as suas declarações.

Após alguns minutos de acesa discussão sobre o assunto, a tartaruga-macho propôs ao Rei o seguinte contrato: se o soberano tivesse razão mandaria esquartejar tartaruga-macho, e se esta provasse o que lhe afirmava ficaria com direito a metade do palácio real.

Aceite a proposta, vieram soldados, cortesãos, criados e toda a corte para junto de uma palmeira dendém, da qual a tartaruga-macho colheu alguns frutos; despulpado o andim e partido o coconote, foram as respectivas amêndoas limpas e recobertas de melaço, surgindo imediatamente as pseudo-nêspersas, iguais às que o monarca tomara por autênticas.

A demonstração era irrefutavel. Vencera a tartaruga-macho, motivo por que logo se apossou de metade do palácio, onde viveu o resto da vida.

A tartaruga-macho glutona. *

Tartaruga-macho garantiu ao Rei que a semente de inhame cozido é tão fecunda como a de inhame cru. O soberano, incrédulo, ordenou-lhe que procedesse a uma experiência na sua presença, sem o que não se convenceria.

Lançando o tubérculo à terra, este apodreceu como era de esperar. Todavia, uma pequena parte do producto caiu em cima de certa pedra existente na lavra; a rocha pediu, sem êxito, mais inhame à tartaruga.

Pouco tempo depois, a tartaruga-macho foi sentar-se sobre a referida pedra. Ao levantar-se, o quelonio sentiu-se preso pelas ancas e, perdidas as esperanças de liberar-se passou a gritar para que lhe acudissem.

Algumas pessoas aproximaram-se da tartaruga-macho para socorrê-la, mas esta, disfarçadamente, disse-se cansada, só para não confessar que estava amarrada à rocha. " Foi alguém que chamou e não eu ", respondeu ela quando aqueles perguntaram os motivos dos seus gritos aflitivos.

Entretanto, chegou um homem com uma espada e desligou a tartaruga da pedra.

A sangrar e a gemer, tartaruga-macho encaminhou-se para uma roça, onde se celebrava festa rija e não faltavam os bons pitéus.

Chorando convulsivamente, a tartaruga foi logo rodeada pelos convivas, a quem mostrou a larga ferida sangrenta que a martirizava. Todos se condoeram dela, mas em breve se puseram em fuga precipitada, quando a ouviram proclamar desesperadamente : " Ven aí a guerra, cortam as cadeiras, reparem em mim " !

Aconteceu o que a tartaruga pretendia. Ficara sòzinha, era senhora de toda a comida. Ingeriu tão sofregamente e em tal quantidade os alimentos abandonados que veio a morrer de indigestão.

Txintxim tangulà,txintxim tangulà, San Bilanza Sousà tangulà,txim guini,ou o macaco e a menina.

Uma menina adoeceu com grave doença de pele;a face cobriu-se de pustulas repugnantes e,por mais que consultasse os médicos,não conseguia molhorar.

Decorreram alguns meses e já desésperava de restabelecer-se quando,certo dia,alguém a informara de que um macaco-curandeiro possuía uma água especial,verdadeira,singular e infalivel mèzinha...

Convidado a ver a jovem,o simio declarou-lhe que a libertaria do mal se promettesse casar com ele.A menina ansiosa por curar-se,sem reparar na gravidade do compromisso que assumia,aceitou a proposta do macaco.Aplicado o remédio magico,a pele facial da enferma não tardou em retomar a frescura e beleza de outrota ; e com estas renasceram a alegria e a felicidade perdidas.

Instada pelo simio a cumprir a promessa,a menina recusou-se a fazê-lo,fugindo dele sempre que podia.O macaco,furioso,jurou vingar-se da perjura,para o que pediu auxílio a outros simios parentes,o qual consistia em eles organizarem,oportunamente, um baile,a que a rapariguinha não deixaria de assistir.E,na realidade,assim veio a acontecer.A menina descuidada,aproximou-se do local da dança e,entretanto,o despeitado arremessou-lhe à face determinado liquido maléfico que,por encanto,provocou imediatamente o ressurgimento da antiga moléstia.

O macaco e o caracol.

Um macaco e um caracol tiveram calorosa discussão acerca de qual deles, saindo ao mesmo tempo de certo sitio, chegaria primeiro ao Pico do Principe.

O simio partiu aos grandes saltos, enquanto o molusco começou a marcha sem pressa, e la foi andando lentamente, quanto lhe permitiam as suas possibilidades anatómo-fisiológicas. O macaco, dando no caminho com uma bananeira, repleta de belos cachos, parou e pôs-se a comer a apetitosa fruta, convencido de que lhe sobrava tempo para atingir a meta antes do gasterópodo. Por seu lado, o pachorrento caracol, caminhando sempre, conseguiu chegar em primeiro lugar, ganhando a aposta.

Gramática.

Periodos com uma so proposição.

Um periodo pode ser formado por uma so proposição e com mais de uma proposição.

Ex. de periodo formado por uma so proposição:
 Sum Tartaruga preparou os seus planos.

Esta proposição ou oração chama-se independente ou absoluta.

As proposições podem exprimir quer um juizio real e positivo
 A galinha foi a visitar a doente,

quer negativo

Eu não quero criar filho sem pai.

ou revestirem uma forma exclamativa

Ai se eu soubesse !

interrogativa

Vais a ficar ai até morrer?

imperativa

Desaparece mofino.

e optativa.

Deus te proteja!

Exercicio - Reconheça num texto qualquer as diversas formas de proposições.

A tartaruga o cão e o gigante

A tartaruga comia mangas quando chegou o seu compadre cão a visitar-a numa bella noite.

- Compadre não me oferece algumas ?

- Oh, não me chega...! quanto mais para te dar !

Se queres mangas, vais comigo buscar à madrugada. Mas ...cuidado porque as mangas te irão bater muitas vezes, e se gritas, olha passaremos mal, mal e mal com o senhor gigante. Combinado !

- Não houvera problemas, compadre. Eu promete-te isso. Não gritarei por mais forte que elas me caírem em cima.

A madrugada, os dois compadres dirigiram para a colheita do combinado. Havia mangas em abundância. Caiam as mangas muitas vezes seguidas. Uma após outra. Quase que não havia paragem, uma vez os gembus sobrevoavam a mangeira e poisavam constantemente.

Puf, uma manga tinha caído sobre o dorso do compadre tartaruga : - 'nsa costumado cu cua za. E continuo apanhando mangas.

Puf, outra manga desta vez cai sobre o amigo cão. Tentou gritar, mas lembrou-se da combinação que ele e o compadre tinha feito. Resistiu: - sela 'nguenta. E continuo na recolha.

Puf..., uma segunda manga caiu sobre o cão com mais força ainda que da primeira vez. Com tremenda força é que lhe tinha apanhado na cauda. Dessa vez por favor, o cão tinha esquecido de tudo. Resistiu quase nada. A dor era tão forte que não havia outra solução de alívio.

-Uau...Uau...Uau...

O senhor gigante que era o dono da mangeira, acordou furiosíssimo.

O cão como era mais agil, conseguiu livrar-se, enquanto que o seu compadre tartaruga tinha ficado preso.

-Isso é que eu esperava já há muitos dias. Hoje com a vida vais pagar por todas as mangas roubadas. E tu sabes que a tua carne é muito importante ?

A cena desenrolava-se à beira de um riacho.

O amigo espero tartaruga, não hesitou tanto. Confiava na sua inteligência:

- Oh, sum cá pô cumemu achém fô ô.....!

Pá sum cumému, sélá sum tufum'piáua pam pô bilá moli....!

O gigante caiu as fitas. Atirou o tartaruga ao riacho. Ficou na margem a espera que o esperto tartaruga amolecesse.

Que aceitação cege e parva teve Sum gingatchi !

Qual tartaruga, qual história ía regressar !

Logo que se viu dentro do riacho, turvou, mecheu tanto a água que acabou por esconder-se mergulhando na lama.

- Ai se eu soubesse !

Ai se eu soubesse !

Ai se eu soubesse !

Por tanto deste conta muito tarde, Sum gigante !

Col tartaruga não se brinca !

Porque os cães hoje não falam.

Sam Fali e Sum Fléflé eram um casal que habitava num lúchan distante, perdido no ôbo.

Sum Fléflé foi um dia à caça acompanhado pelo seu cãozinho fiel, o Lóló.

Muita carga apanharam nesse dia.

A carga era bem pesada. Como transportá-la duma só vez? Tantos quilômetros a percorrer, subir ôquê, descer ôquê. "Peneta" é a vida de homem.

Sum Fléflé sentou-se numa pedra a meditar. Nisto Lóló agita a cauda e diz em surdina:

- Sum Fléflé. Sum Fléfle, eu ajudo você, se você guardar segredo. Cale sua boca pi..pi... e não diga nada a ninguém.

- Segredo? Lóló porquê?

- Se Sam Fali sabe que eu carrego, meu trabalho de carregador nunca vai acabar.

- Bom, Lóló, descansa que eu calo minha boca.

- Não diga também que eu sei falar língua de gente - acrescentou, preocupado, Lolo.

- Esta descansado companheiro....

O que é certo é que a carga chegou a casa toda duma vez. Enquanto Sam Fali lavava no ribeiro mais perto a roupa da família.

Quando chegou a casa interpelou o companheiro:

- Fléflé como é que você arranhou trazer tanta carga? Quem ajudo?.

- Eu sózinho.

Fali, incrédula, insistia sempre.....

- Eu sózinho - era a resposta lacônica do amigo fiel.

Fali insistiu, voltou a insistir e ameaçou arrumar a carga e voltar para a casa da mãe.

Sum Fléflé atrapalhado coçava a cabeça, pensava que a solidão no ôbo era difícil...

Acabou por declarar:

-Nosso cão Lóló ajudou o dono.

Lolo ouviu, gemeu, gemeu, ganiu, deu duas voltas ao quintal e foi deitar-se em cima da cinza da lareira.

Desde essa altura nenhum cão, nem sequer os seus descendentes, voltaram a falar.

Aguedê Alê.....

Havia um Rei que tinha uma filha muito bonita, até se pode dizer, a mais bonita de todas as mulheres do mundo.

Sendo o senhor Rei como a sua mulher rainha gosta muito de contos e provérbios. Um dia ele disse : Quem conseguir contar histórias até que eu e a senhora rainha nos fartamos, casara com a minha filha.

Então aparece um coitado denominado Zon Çon que ao ouvir isso, pediu à mãe o seguinte:

-Oh mãe, conta-me algumas histórias.

A mãe fez-lhe a vontade de fazerem desafio.

A mãe conta, ele conta. Ele conta, a mãe conta e assim sucessivamente.

Um dia disse à mãe:

- A quantidade de histórias que já consegui apanhar é suficiente !

- A mãe autoriza-me de pedir a minha espada ao pai, e vou até à quinta do senhor Rei e a senhora rainha, afim de ver se consigo casar-me com essa menina que se encontra no palácio.

- Se quiseres, vais. Mas, muita gente tem lá ido e nada tem conseguido e por cima é enforcado. Se feres voltarás ? Duvido ? Estas forem as palavras da mãe.

O rapaz respondeu à mãe:

- Tudo o que manda é o destino. Vou cumprir o meu.

O rapaz foi, pediu licença e entrou. O guarda perguntou-lhe:

- Qual é a sua graça ? Como se chama ?

O rapaz respondeu:

- Soube que o senhor Rei e a senhora rainha desejam fazer disputa, contando histórias com alguém que queira casar com a sua filha. Mas só casaria com a menina o adversário que ganhasse.

Portanto se eu puder muito bem; se não puder paciência.

Nesse momento chega o senhor Rei que ouvia a conversa e diz-lhe.

- Se for para isso escusa, porque duvido que consigas ter tanta historia nessa cabecinha em relação aos outros que cá vieram.

O rapaz responde-lhe:

- Cada um sabe de si. O que quero é contar soias.

O Rei começou. Ele apresenta a sua e o rapaz apresenta a dele. A rainha conta e ele dá as respostas adequadas.

Mas, antes de chegar ao palácio, muito sofreu durante a caminhada. Chegou a um orto em que viu uma ave chamada "cega", ave essa muito brava mas, tanto fez até que conseguiu matá-la.

Pegou nela e prendeu-a ao cavalo. Também estava acompanhado de um cão como seu companheiro e amigo que lhe ajudou na caça da cega. Por estar muito satisfeito, o cão foi também ao cavalo.

Depois de muito andar, o Zon Çon deu pão preparado em casa pela sua mãe ao cão, porque tinha fome e um pouco de água para beber. Depois de comê-lo o cão morreu. A mãe de Zon Çon preferiu que ele morresse envenenado por ele, do que ser morto pelo Rei. Por isso, fez-lhe essa partida.

O cão morto foi atirado para um buraco. Desceu do cavalo e foi a ver o buraco. Foi surpreendido pelos ladrões que lá estavam a aproveitar do cão atirado pelo Zon Çon.

Bem, ele todo descontraido pega no seu cavalo e avança.

Depois de tanta disputa, o Zon Çon lembra-se do que se passou com ele durante o percurso para o palácio.

Então, ele lança essa que é de prender

Ouçam, diz ele:

- Ózé n'cumé ua cumé cu ná sádu nê cugido fá; 'n'bêbê ũa áua cu ná gá levada fá, nê di félu nê aua bôbô fá.

O senhor Rei e a senhora rainha pensaram e repensaram. Não descobriram a adivinha e pediram que o rapaz dissesse o que era.

- Eu vinha, vi uma cega, matei-a e ateí-a na barriga do cavalo. Devido o sol ardente a cêga secou-se e eu comi-a. Por causa do calor que tanto fazia, aproveitei-me do suor do cavalo para matar a sede que tinha. É o tal proverbio que lhe apresentei.

O rei disse-lhe:

-Até que enfim, conseguiste vencer-nos. A partir de hoje em diante a minha filha é tua mulher.

O rapaz casou-se com a rapariga e daí viveram felizes.

Historia do Rei e do gigante.

Havia um Rei cego, que vivia em uma casa durante muitos anos. Tinha uma filha, a princesa, que vivia no 12º andar, num apartamento de vidro.

Como não havia meio de ele se sentir melhor, apesar de varios tratamentos, decidiu mandar chamar um gigante que vivia numa floresta existente naquela terra.

O gigante tinha uma torneira que deitava apenas uma gota de agua por ano.

Com uma só gota daquela agua o gigante conseguiu curar o Rei e este passou a ver melhor do que via antes de ter ficado cego.

Muito satisfeito, ofereceu ao gigante uma casa cheia de moedas de ouro, oferta que foi recusada.

Prometeu-lhe metade do seu palácio, o que também o gigante não aceitou. Então o Rei perguntou-lhe o que queria. A resposta foi que queria a princesa que vivia no apartamento de vidro.

O Rei pensou, pensou... e disse-lhe que aguardasse um pouco.

O referido Rei tinha três filhos; um morava numa zona como Santo Amaro, por exemplo; outro, como em Guadalupe; o ultimo, como em Neves. Assim, ele não tinha na altura ninguém a quem pedir conselhos.

O gigante esperou tanto que ficou aborrecido. Entretanto voltou dias mais tarde.

Discutiram, discutiram e, como a palavra do Rei é sagrada, o gigante pegou na princesa, meteu-a num saco e saiu.

Eles andaram, andaram... e quando a princesa verificou que estava perto da casa do seu irmão Mé Pó, pôs-se a cantar:

- Mano Mé Pó	Ele não quis
Mano Mé Pó	Deu-lhe metade do palácio
Aquele senhor	Também não aceitou
Que foi ao palácio	A não ser eu
Curar o papa	Princesa da casa de vidro
O papa deu-lhe uma casa	
Cheia de moedas	

Ao ouvir isto o gigante, pergunta-lhe:

- Porque é que estás a cantar, menina?

Ela responde:

- Estou cantando para arrefecer o tempo

- Estou cantando para o tempo arrefecer.

- Estou cantando para mais depressa chegarmos à casa.

Mé Po, ao ouvir a canção, disse à mulher que ia até à estrada, pois estava ouvindo uma voz muito parecida com a da irmã que vivia no palácio, numa casa de vidro.

A mulher disse-lhe que era mentira e que devia ser uma das suas amantes que estava a chama-lo.

Sendo Mé Pó um homem que ouve sempre o que diz a mulher, deixou-se estar.

O gigante e a moça deixaram Santo Amaro e continuaram a viagem. Quando ela se apercebeu de que estava perto da casa do irmão Mé Poçon, em guadalupe, começou a cantar de novo, contando-lhe o que se passava.

Mé Poçon ouviu a canção, chamou a esposa e disse-lhe que ia à estrada porque ouviu uma voz parecida com a da irmã que vivia no palácio, numa casa de vidro. Ela disse-lhe que não, pois devia ser uma das suas amantes que lo chamava. Como Mé Poçon, tal como seu irmão, ouve sempre o que a esposa diz, acabou por não sair mais.

A viagem continuou e a princesa, pouco tempo depois, verificou que estava perto da casa do irmão Kilambu e começou de novo a cantar contando-lhe tudo.

Desta vez a esposa é que ouviu a voz, chamou Kilambu e disse-lhe que estava a ouvir uma voz muito semelhante a da irmã.

O marido dirigiu-se à estrada e viu que o gigante levava a sua irmã dentro de um saco.

- O senhor, onde é que vai com este sol tão abrazador? - Pergunta-lhe o Kilambu.

- Hum! Hum! Hum!... - gemeu o gigante, acrescentando:

- Vou andando por aí porque vou buscar lenha para acender o lume depois vou lavar o tacho porque tenho uma grande festa.

- Não - Retorquiu Kilambu. Vamos a casa descansar até o tempo arrefecer.

- Tens o comer de que eu gosto? - Perguntou-lhe o gigante.

- Tenho sim senhor - respondeu.

- Tens uma casa onde eu possa dormir?

- Sim, tenho.

- Tens agua em quantidade que eu possa beber?

- Tenho sim senhor.

- Então vamos.

Kilambu conduziu o gigante até à sua casa. Pideu à esposa que fosse buscar lenha. Pegou no maior tacho que tinha e pô-lo na rua. Acendeu o lume, pôs o tacho e preparou o comer. Depois de tudo pronto o gigante comeu, encheu o estômago de tal ordem que já nem podia andar. Ancoiteceu e disse ao Kilambu que queria dormir. Este arranjou-lhe um quarto onde podia dormir a vontade.

O gigante disse-lhe.

- Quando eu tiver os olhos bem abertos, e os centopeias, gatas, suas-suas, lagartixas, enfim, todos estes bichos, comencem a sair, então não estou a dormir. Quando tu me vires com os olhos fechados estou a dormir. Ouviste ?.

- Sim senhor - respondeu Kilambu.

O gigante deitou-se e fez do saco, em que estava a princesa, almofada.

Kilambu também esteve ali atento, esperando que o gigante adormecesse.

Quando viu sair os tais bichos e o gigante dormir, Kilambu pediu a esposa que lhe fosse buscar um dezmaiores sacos que tinha em casa. Entretanto foi ao corral e tirou de lá um grande boi. Meteu-o no aludido saco, amarrou-o bem, e com jeito levantou a cabeça do gigante, tirou a irmã e em troca pôs o saco em que estava referido animal.

Depois de tudo isso, pediu a mulher e a irmã que tirassem tudo de casa e levassem para bem longe e ficassem lá à espera dele. Feito isto, espalhou gasolina em toda a casa, lançou fogo à mesma e saiu a correr.

Quando a casa começou a arder e o gigante ao ser queimado, deu uma explosão tão grande que o palácio do rei estremeceu. O Rei, ao ouvir o estrondo, ficou logo desconfiado de que fosse o gigante que havia sido morto e disse à rainha que talvez fosse o Kilambu quem o tivesse morto.

Entretanto Kilambu, a mulher e a irmã dirigiram-se ao palácio do pai. Chegando ali aquele pôs o pai a corrente do que se passou.

O Rei abanando a cabeça, mandou chamar os outros filhos para com eles fazer uma reunião.

Os mesmos apareceram passado algum tempo, e o Rei perguntou-lhes se não tinham ouvido o grito da irmã quando era conduzida pelo gigante. Disseram-lhe que sim, mas que não saíram de

casa porque as respectivas esposas disseram-lhes que eram talvez as suas amantes...

Então fez de novo a mesma pergunta ao Kilambu, perante os irmãos. Este disse-lhe que foi a sua mulher quem o tinha chamado, quando ouviu a voz. Por isso saiu logo à estrada onde viu o gigante a levar a irmã...

Finalmente, dirigindo-se aos dois primeiros filhos, disse o Rei:

- Mé Pó, tu vais para a terra onde há comida sem água. Jamais entraras em minha casa.

- Mé Pogon, iras viver para a terra em que haja água mas sem comida. A minha casa ha de tornar-se um veneno para ti.

Voltou-se para o Kilambu e disse-lhe:

- Tu, Kilambu, irás ocupar a metade do meu palacio, mais a tua mulher, onde viverão em paz.

O conto das garças e dos falcões.

Há muito tempo. Anos e anos passados, aproximadamente entre 1470 e 1471 as garças saíram do seu país e abeiraram a Ilha Verde com intuito de descobrirem o que passava dentro e volta da ilha.

Os filhos da ilha eram principalmente os falcões. Faço referência aos falcões porque eles eram a maioria da população constituinte. Eles eram animais hospitaleiros, alegres e amigos de outros animais.

As garças posaram sendo sendo como já se devia supor calorosa e cordialmente recebidas. Portanto a viagem foi bem sucedida.

Alem de intuito de descobrirem, as garças vinham com o propósito de explorar, massacrar, dominar escravizar, assaltar e matar. Esquecendo as garças que os falcões eram animais na misme espécie, da mesma classe e só de cores diferentes.

Os falcões não admitiram essa nova situação havendo uma revolta, chefiada por um Rei Falcão que foi mal sucedida, por motivo seguinte factores :Unidade, ordem e arsenal.

Em vez de atacarem em grupinhos e desordenadamente por não poderem aguentar a raiva contida o que foi bastante prejudicial.

Eram chacinados pelas garças que tinham materiais de guerra muitissimo aperfeiçoado e avançado em comparação com os falcões que empregavam rudimentares catanas, cacetes e pedras.

Depois dessa revolta, houve mais uma chefiada por um chefe falcão escravo que foi assassinado.

Começando desde então a verdadeira e amarga colonização, chegando ao seu climax em Fevereiro de 1953 em que milhares e milhares de falcões foram barbaramente massacrados e mortos. As fêmeas dos falcões e as crianças eram vilmente ultrajadas, massacradas e mortas.

A partir dessa época os falcões jamais esqueceram o que passaram e juraram expulsar os invasores começando a lutar lenta e camufladamente.

O tempo foi andando as garças dominavam toda parte deste belo e maravilhoso paraíso.

As garças sobrevoavam toda a parte.

As garças ficavam na terra firme, ficavam no mar e no céu.

O céu ficava quase totalmente branco, havendo uma memória de pontinhos pretos que eram alguns falcões, que uniram as gargas. Mais ao contrario da e os das garças as nuvens estavam e ficavam totalmente negras, que representava, tristesa, tempestade de rebelião aceita e compreensível, dos falcões e morte deles.

Todos os animais eram escravizados, maltratados de mil modos e mortos barbaramente. Os animais incluídos os falcões eram paradas gargas como seres inanimados, não tenham nenhum interesse, valor e respeito, tal como a pedra. Mas mesmo assim a pedra tem o seu interesse o valor particular.

Tudo o que é mau, qualquer dia mais ou qualquer dia menos tera e tem o seu fim.

Como se pode calcular e sentir os falcões tinham uma vida horrorosa, difícil de suportar, sendo a morte, o melhor condão, a melhor liberdade.

Mas a morte não resolvia nada. A situação para os falcões era cada vez mais aflitiva, mais desonrosa, mais desumana.

Os falcões não podendo aguentar mais unificaram com todos os falcões de todo o mundo, principalmente com os falcões dominados pelas garças dando assim o inicio a luta ideológica e armada forte e aberta.

Nas ilhas eram impossível haver luta armada tal como a nossa querida ilha.

Em 1974 os falcões da ilha, aberta, alta, firmemente puseram em pratica, gritaram e disseram e disseram aos opressores:

- Jamais aqui nesse recanto equatorial admitiremos a presença usurpadora, maldita e miseravel dos dominadores.

- Jamais admitiremos a exploração, o colonialismo, o neo-colonialismo, capitalismo, imperialismo ou qualquer forma de exploração seja de que raça for e venha donde vier. Jamais queremos o admitiremos o racismo, a miséria, a fome, a corrupção, a morte premeditada, etc. Basta tudo que seja mau para o progresso e o bem estar de um povo.

Agora, é por isso, que nas nossas ilhas vêm-se pouquissimas gargas no céu, porque a maioria eram nas e foram banidas daqui também agora é raro e difícil ver as nossas crianças dizerem damo branco, toma preto.

O céu fica cheio de falcões, cherrilhando como que dizendo alegremente: agora somos livres, donos da nossa terra e dos nossos destinos.

Agua Mato.

Numa bela manhã, dos anos 50, serpenteando por montes e vales, o Rio Agua Grande dirigia-se para a cidade. De passagem encontrou-se com o primo, Ribeiro Mambleblê, que fez questão em acompanhá-lo.

- Mas primo Agua Grande não sabe porventura que Gorgulho esta a massacrar o nosso povo? - exclama a Agua Mambleblê. Continuando, Mambleblê relatou uma historia triste que transtornou o nobre rosto do primo - Você/nem imagina, aqueles coitados com grandes tinas de cimento a cabeça, farcos, esfarrapados que até mete dó ao mais duro dos homens.

O mundo parecia ter parado quando o Mambleblê terminou a sua narração, tal foi o silêncio que pesou sobre eles.

Agua Grande, depois de muito pensar, resolveu convocar a familia toda e dirigir-se para a cidade a fim de melhor se informar.

Nessa reunião em que participaram, o avô Agua Cola, os primos Agua Tamque, Moreira e Pequenina, houve renhida discussão que terminou com a resolução de tudo fazerem para fracassar o malevolento plano do não menos diabólico e assassino Gorgulho.

Como chefe do grupo, o avô Agua Cola, nomeou o Agua Grande, por ser um mocetão alto, forte e esbelto, de grande porte e muita esperteza. Lembremos que os primos de Agua Grande e o avô são afofos. Por isso ele teve que suportar o peso dos seus primos e do avô, na sua descida para a cidade.

- Então o Gorgulho quer torturar o nosso povo, com a seca e sede? - perguntou mais uma vez o avô.

- Sim - responde o Mambleblê. Ele pensa que sem agua não haverá terrenos fertes para a agricultura e, conseqüentemente o povo terá que viver da sua tutela.

Nisto intervém a Agua Moreira exaltada e grita - Isto não pode continuar. Temos que saciar a sede do nosso povo, com o sangue que nos corre nas veias. Para isso temos que invadir a cidade.

Por sorte, no mesmo dia choveu torrencialmente e, todas as ribeiras e aguas se fundiram e alastraram pela cidade e campos, lideradas pelo camarada Agua Grande.

Ficou conhecido, como a célebre invasão dos rios, chamada antão pelos nosos avôs como "Agua Mato".

Não esquecendo a sua promessa, ainda hoje e com maior fornecimento, correm pelas canalizações da maioria das casas e campos, o sangue-agua da camarada Agua Moreira, que com o seu gesto e abnegação, sacia a sede da população.

Gramatica.

Periodo com mais de uma proposição.

Proposição principal e proposição subordinada.

Ha periodos que são constituídos por mais de uma proposição.

Ex. Eu vi morrer uma filha e estou inconsolavel.

A serva apanhou o fruto que tomou por nêspera.

O fulcro de cada proposição é o predicado. Nos exemplos do paragrafo anterior, ha em cada um dos periodos duas proposições cujos predicados são ligados pelas conjunções e e pelo pronome relativo que

vi morrer e estou inconsolavel

apanhou o fruto que tomou por nêspera.

As proposições ligam-se, pois, por particulas de ligação.

Estas podem ser:

a) Conjunções coordenativas. Caiu e feriu-se.

b) Conjunções subordinativas. Quero que estudes

Sabe, porque estuda.

c) Pronomes e advérbios relativos.

A casa que construi e grande.

A casa onde moro e pequena.

d) Pronomes e advérbios interrogativos.

Perguntou quem bateu a porta.

Sabia onde ela estava.

As proposições introduzidas por conjunções coordenativas chamam-se coordenadas e as introduzidas pelas outras particulas subordinadas.

A proposição que não é introduzida por qualquer particula de ligação e não depende, portanto, de outra chama-se principal.

Ex. A dor era tão forte que não havia outra solução de alivio.

Principal

subordinada

Gramatica.

Ligação das proposições.

Vejamos mais particularmente a ligação das proposições por coordenação e subordinação.

a) Por coordenação.

Como dissemos, as proposições estão ligadas por coordenação, quando a sua ligação é feita por uma das conjunções coordenativas claras ou ocultas. Ex.

Chove e troveja

As crianças riem, brincam, saltam.

A avestruz tem asas, mas não voa.

As proposições ligadas por coordenação, como referimos chamam-se coordenadas.

As proposições coordenadas denominam-se:

1) Copulativas, as que exprimem simples enumeração. Ex. Chove e troveja.

Não

so é tímido, mas até se mostra cobarde.

Havia

carne de vaca, leite, açúcar, chá, etc.

2) Disjuntivas, as que exprimem alternativa ou exclusão. Ex. Todo o numero ou é par ou é impar.

3) Adversativas, as que indicam restrição ou oposição ao que se disse precedentemente. Ex. Não é para ele madrastra, mas, ao contrario, uma segunda mãe.

4) Conclusivas, as que indicam a consequência do que se disse anteriormente. Ex. Pedro é homem; logo é mortal.

Exercícios. Reconheça num texto qualquer as proposições coordenadas e as conjunções coordenativas claras ou ocultas.

Gramática.

b) Por subordinação.

Como vimos, na subordinação há:

- 1) Uma proposição subordinante - proposição principal.
- 2) Uma ou mais proposições gramaticalmente dependentes, directa ou indirectamente, da subordinante - proposições subordinadas.

a) Proposição principal.

A proposição principal é sempre subordinante; as proposições subordinadas dependem da principal e podem ao mesmo tempo ser subordinantes em relação a outra ou a outras que lhe estejam subordinadas.

Se disse que os nativos da ilha pediam que se começasse a luta.

A subordinação de uma proposição, como vimos pode indicar-se:

- 1) Por uma conjunção subordinada
- 2) por um pronome ou adverbio relativo.
- 3) por um pronome ou adverbio interrogativo;
- 4) pelo infinitivo do verbo.

Exercício. Reconhecer as proposições principais e subordinadas num texto.

Quando cheguei à São Tomé.

Naquela altura as coisas ainda estavam muito más. O trabalhador ia ao mato, não podia comer no prato, só podia comer, isso sim, na folha de bananeira ou de matabala.

Quando exigíssimo prato, eles diziam que nós já queríamos ser como "o branco" e que já éramos fidalgos.

A limentação era fuba que vinha na tina.

Debaixo da chuva, com folha da bananeira a cobrir a cabeça, começávamos a trabalhar às cinco da manhã e só parávamos as cinco da tarde.

Eu, como era refileão, disse um dia ao patrão que não podia comer na folha da bananeira porque não sou cão.

- Também não podes comer com as mãos sem colher, pois não? - perguntou ele.

- Não. Sou homem e como tal mereço ser tratado - respondi.

- Você vai lá para cima que é para gente conversar melhor sobre isto.

Fui lá acima (ao escritório). Esperei um bocadinho. Minutos depois o homem aparece, pronto para me dar uma valente sova.

Ao reparar que o caso estava grave, recuei um pouco e disse-lhe:

- O senhor sabe duma? Eu não sou garoto para tomar porrada nas suas mãos. Se o senhor tenta pôr as mãos em mim, o senhor não sai daqui vivo.

Naquela altura eu só tinha 19 anos de idade mas não admitia que ninguém abusasse de mim.

Depois de muita discussão, ele olhou-me dos pés à cabeça e disse-me:

- Bem, você está a querer estragar o pessoal aqui no "Clau-dino".

- Não estou a estragar ninguém - respondi. Estou apenas a exigir o direito de um homem. Nós não viemos para São Tomé para sermos tratados assim deste maneira. Na minha terra é proibido um homem prometer purrada ao outro.

Aquilo passou. Depois de uma semana ele passou-me para guarda para ver se não "estragava" esse pessoal que "aceitava" comer na folha da bananeira.

- Estou ver que qualquer dia você vai exigir capacete para ser feitor - acrescentou.

- Não vou exigir capacete porque eu trouxe um da minha terra.

- E gravata ? Tens alguma ?

- Sim senhor.Tenho uma.

- E sapatos ? Quantos pares tens ?.

- Tenho apenas um par e já me chega para a vida que levo aqui,mas não foi o senhor quem me deu.

- Tens botas também,não ?.

- Não senhor.Não tenho botas porque nos não estamos autorizados a compra-las.

E claro que as botas eram muito baratas na altura mas não as conseguimos comprar porque não nos era permitido.

Se vai um trabalhador de botas para o mato,já era considerado como " um feitor".

A coisa foi andando, andando, e começou a modificar um pouco por volta dos anos 60. Nos alimentavamos-nos de fuba com peixe salgado vindo de Angola e feijão podre.Havia carne de vaca, leite e outras coisas mas tudo era só para os grandes senhores.

Trabalhavam nessa altura na roça, caboverdianos, angolanos e moçambicanos.Encontravam-se alguns nacionais que apenas capinavam e iam-se embora.Na capina tinha-se muito medo da cobra.

Uma vez um homem de Santana morreu porque foi mordido por uma cobra.Essa cobra ainda se encontra ai,embalsamada,no hospital de Agua Izé.

O tratamento no hospital

No hospital o tratamento era uma miséria. Se um individuo chegava ao hospital com pancada, ele é tratado. Mas se aparecia com febre o médico diz que é vadio e não quer trabalhar. Recibia alguns comprimidos e ia trabalhar. Quando aparecia alguem con algum ferimento de machim, gancho o picarete, isso sim. Podia ficar internado alguns dias. De resto era muito, tudo muito difficil.

Nos anos 50 passou por aqui uma febre que deu cabo de muita gente. Era a conhecida como " febre asiática ". No hospital, havia duas pessoas em cada cama além das que permaneciam em sua casa por não haver cama no hospital. Via-se gente a morrer que nem uma galinha por falta de um tratamento adequado. Muitos tenham de recorrer a medicina tradicional. E graças a isso houve muitos casos de cura. Era cha de raizes e folhas medicinais, banhos quentes à moda da terra e fricções, enfim.

O Sargento e o Quintas.

Tenho 61 anos de idade. Nasci na Santana. Trabalhei na roça S. Vicente, propriedade do senhor Engenheiro Salustino Graça. Um dia fugi da roça e fui-me embora para casa.

Estava na cama, deitado, quando era meia noite ouvi rotação de um jeep.

Levantei-me. Nem tive tempo de me vestir. Pus-me de pé no meio da casa, ainda nu. Ouvi uma voz a chamar.

- Companheiro !... Companheiro !...

Leentamente abri a porta. Na escada estava um homem branco. Era o Sargento Machado. Mal ele me viu, recebeu-me logo com estas palavras.

- O seu filho da puta do negro, onde está o Quintas ?.

- Ele não está - respondi eu.

Como a resposta não lhe agradasse, pegou-me, levou-me para perto do jeep, bateu-me, tanto bateu-me até que se fartou. Revistou-me e não viu nada. Tirou-me a carteira onde eu tinha documentos e algum dinheiro e ficou com ela. Perguntou-me pela segunda vez.

- Mas você não conhece o Quintas ? . Estou a ver que você conhece-o muito bem. Conhece ou não conhece ?.

Antes de acabar a frase espeta-me dois pares de bofetadas. Leevou-me até à povoação de Manuel George.

Mas perguntas acerca do Mé Quintas. Eu sempre dizia que não o conhecia.

Entretanto apareceu um homem chamado Mé Danu. O sargento vira-se para ele e pergunta-lhe:

- Você não conhece Mé Quintas ?

- Qual Mé Quintas? O de senhor Janeiro? - acrescentou o Mé Danu.

- Sim - respondeu o sargento.

- Ah, então espera-me um bocado.

Mé Danu foi pôr a carga em casa e dirigiu-se até a casa do velho Quintas. O sargento acompanhou-o.

O pobre homem estava na cama a descansar, ou mesmo a dormir. A purrada foi tanta que ele acordou sobressaltado. Não teve mais tempo para nada. Foi conduzido para o caminho onde foi amarrado.

- O senhor Rocha, a assitir a cena, disse para o sargento:

- Não, você não pode amarrar este homem porque você não o apanhou no mato.

O sargento vira-se para mim e diz:

Entra no geep e levo-te para casa.

Eu disse que não. Estava nu. Quando fui preso na minha casa, não me deixaram vestir.

Pedi para me deixar ir ver a minha família. Ele disse-me que não.

- Eu levo você no geep. Dizia ele.

- Desculpa-me, chefe, não quero ir no geep. Respondi.

- Bem, já que você quer ficar, toma! toma ! toma!.... Seu filho da puta do negro.

Deu-me tanta bofetada, tanta bofetada que já nem podia mais.

Deixou-me no meio di caminho. Fui à casa de uma vizinha onde dormi sentado até de manhã.

No dia seguinte foi ter com a mulher do senhor Engenheiro e pus-lhe a par de tudo o que me fizeram.

Regressei à casa e verifiquei que me tinham roubado tudo, inclusive as galinhas.

Quando o senhor engenheiro regressou de Príncipe, comprou-me um par de sapatos, já o ambiente estava mais ou menos calmo.

Andei dez dias no mato, com a boca suja, filhês todos doentes, sem meios para lhes poder dar uma assistencia.

E esta e a lamentavel história da minha vida.

O grito na baliza.

Estava na cama e ouvi um grito na baliza de Roça Uba Budo. Era o grito de um conhecido. Tratava-se do Mário, este moço forte que vivia em casa da tal D. Maria Espiritu.

Levantei-me. Agarrei no meu machim e fui acudi-lo. De repente vi um grupo de indivíduos, uns armados de machim, outros de zagaia. Eram os chamados serviçais que estavam aí concentrados que resolveram atacar o moço. Eram dezenas de homens, não podia enfrenta-los. Estava só. Voltei de novo à casa mas o meu pai não estava. Tinha ido ao mar. Ele tinha três casas: numa estava a minha madraستا, noutra a minha mãe e na terceira a minha avó. Dirigi-me à primeira. Chamei a minha madraستا, ela não estava. Nas suas ultimas também não estava ninguém.

- Como é possível eu sozinho tomar conta das três casas? Impossível.

Tirei as coisas que estavam em casa da minha madraستا e levei tudo para a casa da minha avó. Sentei-me na escada a pensar na vida. Qual não foi o meu espanto ao ver o grupo dos serviçais a aproximarem-se do quintal ! Não exitei. Aos gritos , perguntei-lhes:

- O que é que vocês querem ?

- Ah ! O que é que nos queremos ? . Não te interessa saber... Ou sais do sítio onde estás ou estás a levar uma caterva de purradas.

Passado algum tempo apareceu muita gente em casa do meu pai, dizendo que foram refugiar-se ali, pois eram perseguidos pelos serviçais. Eram cerca de 12 homens. Pensavam que o meu pai estava em casa. Entretanto acaba de chegar, dizendo:

- Olha, eu ia à Praia Cova. Antes de chegar la, vi de longe uma data de serviçais mais alguns brancos a atacar a população o não podia aproximar-me deles. E continuou, mas vocês não se mexam com eles...até porque não são culpados. O culpado é quem os mandou. Entretanto, se eles vierem, a gente corre com eles, acrescentou.

Tinha fome. Saí para ir buscar algumas cabeças de fruta-pão. De regresso sai um homem atrás de uma palmeira e dá-me uma machinada nas costas ferindo-me bem. Como tinha ainda forças, dei-lhe também um valente golpe. Derramou tanto sangue que acabou por cair, ficando inerte no chão.

Grande confusão. Os outros companheiros revoltaram-se. A gente quase que pedia asas para voar. Serviçais sem conta cercaram-nos. Éramos apenas doze. Mesmo assim figuram oito quando viram o caso mal parado, restando somente nós os quatro: eu, o meu pai, Daniel afilhado do meu pai, e um rapaz tonga chamado Manuel.

- Não se metam com os serviçais que eles são inocentes. Vamos correr com eles apenas. Só queremos quem es mandou fazer isso - dizia o meu pai.

Entretanto aparece um homem branco chamado Teles, empregado então da roça Agua Ize.

Dirigi-me ao pé dele e disse-lhe:

- O senhor, por favor, procure evitar os seus serviçais pois... Antes de acabar, surgiu uma voz no grupo dizendo:

- Eh ! E este homem mesmo que cortou o nosso companheiro com o machim !...

Ouvindo isto, o homem branco ordenou aos serviçais que avançassem. So que de mim ninguém ousou aproximar-se, pois eu tinha na mão um machim que parecia um espelho, mais um cacete, e sabia maneja-los muito bem.

De repente mais um grito soa no meio de palmar e cacausal. Era o grito da mulher do meu tio. Deram-lhe com uma zagaia nas costas que só não lhe atravessou os pulmões graças ao espadua que serviu de escudo.

Corri logo ao encontro dela. Enquanto eu estava tentando, com muito jeito, tirar a zagaia, fui atingido com uma pedra na cabeça e eu caí. Mas eles tinham medo de se aproximarem de mim porque não larguei as minhas armas. Asfataram-se um pouco mais.

- Vamo-nos embora - ordenou o branco.

O meu pai, ao ouvir a voz deste chefe do grupo de cabelo liso veio a correr ao encontro do mesmo.

Quando se cruzaram, o branco puxou na pistola, pronto a disparar. Qual não foi o meu espanto ao vê-lo estendido no chão com uma faca espetada no estômago ! Foi, efectivamente, o resultado da rapidez com que o meu pai reagiu.

Os gritos aumentavam. A pancada começou a generalizar. Eram gritos por todos os lados; de mulheres, homens, crianças, enfim ...

Estava eu a ver isto tudo. Como reagir?

Não tive outra alternativa senão dirigir-me a então regedoria pedir ao Regedor para chamar policia a fim de pôr termo a tão amarga situação.

Saí a correr. Ao chegar a Agua Guegue encontrei o senhor Daniel. Conversamos durante um ou dois minutos e depois despedi-me dele visto que tinha pressa. Ele quis acompanhar-me e eu disse-lhe que não. Continuou a teimar. A minha resposta era sempre não. Ele foi tão teimoso que acabou por seguir-me, sem eu dar conta no momento.

Depois de ter caminhado alguns metros ví um grupo de ser-
viçais que resolveram atacar-me. E tudo me leva a crer que esta-
val mesmo à minha espera.

O meu corpo escorregava. Era do suor e não só. Não consegui-
ram fazer de mim o que queriam. Derrubei alguns. Pus-me em fuga.
Entretanto cercaram o senhor Daniel. Segui até a estrada e vi ou-
tro grupo. No mesmo saíu uma voz dizendo:

- Olha este homem !... É ele mesmo !... Vamos mostrá-lhe
quem somos nós.

O certo é que eles não conseguiram nada. Com o meu machim
na mão e cacete, consegui ver-me livre deles que, no fundo, não pas-
sam de uns "moços de recado". Sai atrás deles até a Ponte de Agua
Bôbô, manuseando o meu machim e cacete. Quem correu, correu; quem
saltou saltou, vi o caminho aberto, fui directamente ao Zandrigo,
rumo à casa do senhor Manuel Sebastião, sacristão da igreja de
Santana.

Estava eu todo ferido. Golpes espalhados em todo o canto
da cabeça. Eram de pedradas que me atiraram. O velho Manuel sen-
tou-se ao meu lado. Comencamos a conversar. De repente ouvimos um
tiro em direcção da casa do meu pai. Pensei:

- Se o polícia for à casa do meu pai, o caso esta estraga-
do !

Mais tiros soaram do mesmo lado. Tremia de nervos que nem
uma "camicela macho". Minutos depois vi de longe um rapaz. Era
chefe de divisão. O velho Manuel chamou-o para levar-me à Vila.
Fomos até a loja de um branco e la encontramos um outro que tra-
balhava na roça Agua Ize. Mas este me viu sacou logo a pistola
para disparar contra mim. Mas o dono da loja não o deixou. Entreviu
na altura dizendo:

- O que é que você esta a fazer, homem ?.

Ao ouvir a voz do dono da loja, resolveu meter de novo a
pistola no bolso, mas continuando a olhar-me com a "cara de
sexta feira".

Esse branco da loja conhecia o meu pai. Era aí onde o meu pai fazia as suas compras.

Depois de conversarmos um pouco, o comerciante entendeu, por bem, acompanhar-me até à Regedoria, onde iria pôr todos os problemas ao Regedor.

Entretanto, lá fora, ouço um qui d'el rei. Fui ver o que se passava. Era um acontecimento triste. A minha irmã tinha acabado de ser morta a tiro por um branco, na região de Gomes. Ela estava grávida.

A partir de então, ninguém nos podia controlar mais. O meu pai, ao ter conhecimento da tão trágica notícia, não esperou mais nada. Saiu a correr, a procura do criminoso. Quando o viu, fê-lo em bocadinhos. Ao regressar, todo espavorido, é atingido por uma bala vinda não se sabe donde, e cai morto.

Confusão generalizada. Era tiros espalhados em todos os cantos. Morreu muita gente. Como se isto não fosse bastante, eu e alguns dos meus companheiros fomos conduzidos para a cadeia. Estivemos lá alguns dias. Numa terça feira às 15 horas fomos postos em liberdade. No dia seguinte, ou seja quarta feira, lançou-se um comunicado segundo o qual as pessoas que tinham coisas perdidas deveriam dirigir-se a então Vila da Santana inscreverem-se para mais tarde as mesmas lhes serem devolvidas. No fundo tratava-se de mais uma manobra.

Na minha casa tinham roubado tudo, tendo au ficado na altura apenas com um par de calças e uma camisa que trazia vestido.

No entanto fomos à Vila e conduziram-nos até a Regedoria. Ai tivemos a oportunidade de encontrar o senhor Rato, então governador da provincia de São Tomé e Príncipe, a falar com o senhor Regedor, em português. Quando eles se aperceberam da nossa chegada deixaram de falar em português começando a falar em francês.

O meu sogro estava ai bem perto, o senhor Joaquim de Carvalho que sabia falar francês e estava a ouvir a conversa toda. Saiu à janela e disse-me para eu me ir embora para casa.

Mais tarde veio uma ordem lá de baixo segundo a qual nos deviamos ir a então administração do Concelho escrever or nomes dos objetos perdidos. Isto não era nada senão mais uma manobra. Mas o meu tio, o senhor Rosario telefonista, insistiu comigo para que eu fosse fazê-lo.

Bom, fui avisar os meus companheiros e lá fomos. Chegamos lá, demos a conhecer às pessoas de tudo o que nós perdemos e to-

maram apontamento.

Pouco tempo depois disseram-nos para irmo-nos embora para casa e regressarmos às 14 horas para poderem restituir-nos as coisas perdidas.

Quando eram 14 horas já lá estávamos todos. Fomos todos parar na varanda de cima. Pouco tempo depois ouvi passos de pessoas cá em baixo. Comecei a imaginar um mundo de coisas. Dei uma espreitadela e vi tropas sem conta.

Mandaram-nos descer de novo, e pusemo-nos em fila. Daí fomos conduzidos para cadeia sem mais nem menos onde ficamos um largo tempo.

Havia coesão no nosso grupo. Mesmo na cadeia, reunimo-nos e decidimos constituir um advogado. Trata-se do senhor Dr. Correia Afonso, individuo da raça branca mas que parecia ser amigo dos negros.

Numa quinta feira ele foi a cadeia. Combinamos contribuir para lhe pagar o que pediu pelo trabalho. No sábado seguinte o senhor Governador mandou quebrar a escada da cadeia e lançou uma ordem segundo a qual fica proibido a qualquer preso constituir um advogado. Foi um dinheiro mal gasto. Mas o senhor advogado Correia Afonso não teve culpa nenhuma.

Gramática

Os sinais de pontuação.

Com os sinais de pontuação, ou marcamos as divisões e o fim das frases, com as correspondentes pausas, como acontece com o ponto final (.), a virgula (,), o ponto e virgula (;) e os dois pontos (:), ou indicamos a entoação com que a frase foi proferida ou deve ser lida, como acontece com o ponto de interrogação (?), o ponto de admiração ou exclamação (!) e as reticências (...), ou assinalamos outros factos, como acontece com o parêntese (), as aspas (" ") ou o travessão (-).

Uso dos sinais de pontuação.

O ponto final (.) coloca-se no fim de período, para indicar que o sentido está completo, devendo por isso fazer-se uma pausa mais demorada, que não é igual em todos os casos.

A virgula (,) indica uma pequena pausa. Emprega-se para separar:

- a) Os elementos coordenados da proposições não ligados pelas conjunções e, nem, ou. Ex. Havia carne de vaca, leite, açúcar, etc.
- b) Os complementos circunstanciais. Ex. Eu, hoje de manhã.
Ontem, à noite, fui ao cinema.
- c) As proposições subordinadas que precedem as principais.
Ex. Quando saíres, fecha a porta
- d) Para evitar a repetição desnecessária de um verbo.
Ex. Os moçambicanos são do Sud; os angolanos, do centro; os sontomenses, do mar.
- f) Antes da conjunção mas. Ex. Ela queria lutar, mas as forças faltaram-lhe.
- g) Etc, Etc.

Gramática.

O ponto e virgula (;) emprega-se principalmente, para separar as proposições coordenadas, sobretudo se são extensas ou formadas por elementos separados por vírgulas. Ex. O jornal é um produto da cultura; deve ajudar, todos os dias, a fortalecer a revolução; guiar e fortalecer a luta política.

Os dois pontos (:) empregam-se:

1) Antes de uma citação ou fala e antes ou depois de uma enumeração. Ex.

O Tartaruga disse:

- Vamos compadre.

O ponto de interrogação (?) coloca-se no fim de uma exclamação. Que horas são ?

O ponto de admiração ou exclamação (!) coloca-se no fim de uma exclamação. Ex. Olha este homem! Eh!

O parêntese () emprega-se para separar da frase uma palavra ou proposição intercalada. Ex.

Os pontos de reticência (...) indicam que ficou incompleto o sentido da frase, deixando à imaginação do leitor a interpretação da supressão. Ex.

As aspas " " empregam-se para indicar uma transcrição textual. Ex.

Gramática.

O travessão (-), que serve não só para chamar a atenção para a palavra ou palavra que se seguem, mas ainda para nos diálogos, indicar a mudança de interlocutor. Ex.

Exercícios. Reconhecer exemplos nos textos.

VEREDA
Centro de Estudos em Educação